

DUPLE

DIPLOMA UNIVERSITÁRIO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

COMPREENSÃO DA LEITURA

INFORMAÇÕES E INSTRUÇÕES

Esta componente tem a duração de 120 minutos.

Esta componente tem 8 páginas e 70 questões.

Leia as instruções no início de cada parte.

Use um lápis para marcar as respostas na folha de respostas.

Use uma caneta de tinta azul ou preta para escrever as palavras na folha de respostas.

PARTE 1 // Texto 1 // Questões 1-5

Leia o texto e escolha uma das opções (A, B, C ou D) para as questões 1-5.

Marque as respostas na folha de respostas.

É um casal de relógios de parede. Dos que sempre foram feios. Pela manhã, haja o que houver, à mesma hora, passa ele por esta rua para o escritório. Vai almoçar ao meio-dia. Volta à uma. E às seis em ponto sai outra vez.

Nem vale a pena dizer-lhe o nome. É só mais um dos milhões iguais que há por este mundo, que o quotidiano determina, como o sol dos girassóis. Não sei, é certo, o que se passa lá por dentro, onde às vezes os hábitos e a monotonia doem muito. É possível que tenha um sonho, que tenha um drama, que tenha consciência desta agonia universal de que ele próprio, queira ou não queira, compartilha. Mas é possível também que não saiba nada disto, que não sinta nada disto, que a sua vida interior seja um ir às nove para o escritório e um sair às seis do escritório.

Há tempos apareceu casado. Mas viu-se logo que o casamento lhe acontecera, como lhe acontece às vezes apanhar uma carga de água a

caminho do emprego. A mulher é uma pessoa baixa, pálida, com sobrelhas muito carregadas. Uma pura máquina de cozinha que acende o lume às dez, lava a loiça à uma e um quarto, limpa o fogão depois, esfrega a seguir, e acende novamente o lume às cinco e meia. Não namoraram. Ele lembrou-se dela no intervalo do escritório, ela já sabia que com alguém havia de ser, e um dia, sem saberem como, aí estavam de casa e pucarinho, a comer o almoço. Uma vizinha, a princípio, ainda tentou meter um bocadinho de graça naquilo. Mas terra assim não dá mais. O escritório às nove, o lume aceso às dez, e, fora disto, um vazio que seca tudo. Nem sequer uma cria!

– Filhos, para quê?!

Dizem isto, e nenhum deles estremece. Tudo quanto a vida consegue exprimir ali, em beleza, graça e perfume, que se veja, está resumido num cravo enigmático e viçoso que usa perpetuamente na lapela do casaco.

Miguel Torga, *Diário*

1. O escritor apresenta o seu ponto de vista em relação
A. aos relógios de parede do escritório.
B. a um casal que cumpre, pontualmente, a mesma rotina.
C. a dois objetos que considera feios.
D. às pessoas que habitualmente passam na sua rua.
2. Que ponto de vista é que o escritor tenta apresentar, no segundo parágrafo?
A. Não se justifica referir o nome da pessoa de quem fala, por ser representativa de seres que vivem como autómatos.
B. Não identifica a pessoa de quem fala, porque nada há para dizer acerca dela.
C. Não é necessário identificar a pessoa de quem fala, pois apenas está a apresentar hipóteses sobre a vida dela.
D. Não diz o nome da pessoa de quem fala, pois apenas a conhece de a ver passar todos os dias pela rua.
3. O que é que o autor quer dizer acerca do facto de a pessoa sobre quem escreve se ter casado?
A. O casamento deixou-o feliz.
B. O casamento acabou por entristecê-lo.
C. O casamento não alterou nada.
D. O casamento trouxe-lhe, por momentos, alguma felicidade.
4. A que é que o autor pretende dar destaque, na descrição da mulher e da vida do casal?
A. Ao facto de ambos se terem casado sem amor, apenas por conveniência.
B. Ao facto de um e outro terem em comum o tipo de vida e, por isso, terem optado por casar.
C. Ao facto de ambos se terem enamorado de tal modo que casaram de imediato.
D. Ao facto de ambos parecerem subjugar os sentimentos ao cumprimento rígido de horários.
5. Fazendo referência à ausência de filhos, o escritor pretende
A. criticar os casais que optam por não ter filhos devido à falta de tempo.
B. demonstrar que há casais que se esquecem de si e por isso não têm filhos.
C. ilustrar o modo de vida do casal, obcecado em cumprir horários, o que o satisfaz plenamente.
D. mostrar como eles não têm capacidade para ter e cuidar dos filhos.

PARTE 1 // Texto 2 // Questões 6-10

Leia o texto e escolha uma das opções (A, B, C ou D) para as questões 6-10.

Marque as respostas na folha de respostas.

- 1 Ele levanta-se da cama tarde. Diz que tem insónia e não consegue adormecer antes do amanhecer, quando fecha as janelas à primeira luz do sol que penetra através das persianas em raios de poeira doirada. Uns dizem que é preguiça, que não se levanta cedo porque se acomodou. Na verdade, a manhã parece-lhe insuportável, porque não há nada para fazer de manhã, nem de tarde, nem de noite. Desde que está desempregado, pratica uma gestão rigorosa do tempo livre,
- 5 porque o tempo livre é demasiado e não sabe como ocupá-lo.
- Existe o problema dos comprimidos que lhe tiram o sono, os antidepressivos que lhe fazem companhia desde que está desempregado. Tentou livrar-se dos comprimidos, mas sem um emprego e um motivo sólido para começar o dia cedo, pisando a manhã como os que têm emprego e as certezas de um emprego e de um salário, foi-se deixando arrastar pelo
- 10 horário da insónia e do despertar tardio. Que é o horário do desalento. No princípio do desemprego revoltava-se, andava de um lado para o outro, de carro, fazia telefonemas a torto e a direito – sabes de alguma coisa? –, bebia bicas em pastelarias, com os jornais diários do dia, à cata dos anúncios, arquitetava projetos atrás de projetos, vou fazer isto, vou fazer aquilo, etc. Alguém viria a precisar dele.
- Foram aparecendo uns biscates que o desencravavam. Com a passagem do tempo, os biscates foram ficando escassos, até
- 15 desaparecerem. Com a crise não há biscates, nem hipóteses, nem projetos. Na verdade, sabe que ninguém contrata um homem da idade dele. Mais de 50 anos, no mercado de trabalho, é o equivalente à morte.
- E agora, pacificado, resignado, deixa-se ficar a olhar para as paredes, concebe um projeto ou outro, vago, vago, e abomina a manhã e o movimento. Como não tem carro, desloca-se pouco. Bate a cidade como um estrangeiro dentro dela e volta a casa. Ninguém acredita que vá arranjar qualquer coisa e ele também deixou de acreditar. O desemprego colou-se à pele. Lembro-me de o ver trabalhar, muito. Como tantos outros, desistiu.

Clara Ferreira Alves, in expresso.sapo.pt/opiniao/ (adaptado)

6. O facto de ele se levantar tarde deve-se
- A. às insónias que tem agora.
 - B. ao seu carácter preguiçoso.
 - C. à falta de razões para se levantar cedo.
 - D. à vontade de gerir bem o seu tempo livre.
7. Tendo em conta a sua atual situação, a única coisa que ainda consegue fazer é
- A. ir deixando de tomar os comprimidos.
 - B. revoltar-se contra aquilo por que está a passar.
 - C. fazer tudo o que está ao seu alcance para a inverter.
 - D. manter alguma lucidez sobre aquilo em que se tornou a sua vida.
8. «Pisando a manhã», em «começar o dia cedo, pisando a manhã», (linha 8) significa
- A. ocupar ativamente a manhã.
 - B. arrastar-se com sono ao longo da manhã.
 - C. viver monotonamente a rotina das manhãs.
 - D. já estar acordado no momento em que amanhece.
9. "... fazia telefonemas a torto e a direito", na linha 10, significa
- A. passava todo o tempo ao telefone.
 - B. telefonava a muitas pessoas.
 - C. telefonava a algumas pessoas, sem saber para quê.
 - D. umas vezes era correto ao telefone, outras vezes não.
10. No final do texto, percebe-se que
- A. parece ter-se ajustado à sua condição de desempregado.
 - B. até encontra aspetos positivos na situação de desemprego.
 - C. se resignou e revela transigência em relação às manhãs e ao desemprego.
 - D. mostra inflexibilidade relativamente à adaptação à condição de desempregado.

PARTE 1 // Texto 3 // Questões 11-15

Leia o texto e escolha uma das opções (A, B, C ou D) para as questões 11-15.
Marque as respostas na folha de respostas.

Ei-lo que entra de rompante! Com o seu ar de posso, quero e mando.

Mas nem sempre foi assim. Quando o Pedro ainda estava casado com a Inês, vivia mais pacatamente a sua arrogância. Nem se percebia que ali havia matéria suficiente para se criar alergias e aversões epidérmicas, que naquele homem tudo poderia ser abominável! Tinham dois filhos. Contudo, um belo dia, como pode
5 sempre acontecer, até a quem pensa que está imune, ela decidiu fugir com outro e levar os miúdos. Pediu o divórcio. Agastado com a situação, sofrido, mas pronto para renascer, decide fazer-lhe a vontade. Ela parte com o melhor amigo dele, leva os filhos e promete que lhos trará sempre que puder. Nunca mais os viu e já passaram quase doze meses. Pelo seu lado, ele optou por vida nova. Não queria casar, mas queria casa nova.

Passados uns meses, confirmando que depois da tempestade vem a bonança, sai-lhe a sorte grande. Uns
10 milhões! A partir daí, foi um pulo para o homem que é hoje. Tornou-se muito arrogante, quase insuportável. E é este homem que acaba de entrar na sala para festejar mais um aniversário. Não sei por que razão me convidou e também não sei bem por que razão aceitei. Se não fossem os milhões, não teria nada. Quando me cumprimentou, perguntei-lhe pelos miúdos. Sem pestanejar, acusou-me de ter sido conivente quando tudo aconteceu, porque me pus ao lado da Inês. Limitei-me a olhar para ele. Nem queria acreditar no que tinha
15 ouvido. Não fora haver tanta gente, à volta tinha-lhe dito das boas! Pensa que pode tudo só porque tem dinheiro. Talvez ainda o tiro lhe saia pela culatra. Se tivesse respeitado mais a mulher e se tivesse gasto o tempo livre com os filhos, ela não teria tido razões para se ir embora. Achei melhor não dizer nada. Afinal, águas passadas não movem moinhos.

11. A entrada do Pedro foi notada por
A. ele não estar completamente nele.
B. ter exagerado na indumentária.
C. não se ter contido no seu ar de posso, quero e mando.
D. ter sido comedido na forma como entrou.
12. *lhe* em “decide fazer-lhe a vontade” (linha 6) refere-se
A. à Inês.
B. aos filhos.
C. ao Pedro.
D. à autora.
13. Algum tempo após o divórcio, na primeira troca de palavras entre a autora e o Pedro,
A. aconteceu novo episódio que veio trazer mais infortúnio ao Pedro.
B. a vida dele deixou de ser um mar de rosas.
C. a vida dele deu uma reviravolta.
D. aconteceu-lhe o que ele já aguardava há muito tempo.
14. Na primeira troca de palavras entre a autora e o Pedro,
A. ele agrediu-a com as histórias do passado.
B. trocaram olhares cúmplices.
C. ela acusou-o de ele não ter sabido resolver as coisas.
D. voltaram a dar-se como antes.
15. «Talvez ainda o tiro lhe saia pela culatra» (linha 16) quer dizer
A. pode acontecer o contrário do que ele pensa.
B. pode acontecer o que aconteceu antes.
C. as coisas são como se imaginam.
D. as surpresas nem sempre vêm de onde se espera.

PARTE 2 // Questões 16-20

Vai ler um texto em que o escritor João Tordo escreve sobre outro escritor português, premiado com o Prémio Nobel da Literatura, José Saramago.

Os parágrafos A-F foram retirados da posição original no texto. Reconstrua o texto, colocando os parágrafos nos espaços adequados (espaços 16-20). Há um parágrafo a mais.

Marque as respostas na folha de respostas.

Tentarei explicar, em breves palavras, as coisas que aprendi com José Saramago, com quem privei somente numa ocasião, mas cuja obra, que li de forma anacrónica, intensamente admiro.

16

Eu acrescentaria que são, e também, essencialmente solitárias, embora essa solidão seja magnificamente preenchida com os «inúmeros» que vivem em nós e de que falava Fernando Pessoa. Vejamos: Ricardo Reis, essencialmente só, embora heterónimo; Tertuliano Máximo Afonso, essencialmente só, embora duplicado; o Sr. José, essencialmente só, colecionando vidas alheias; Jesus de Nazaré, essencialmente só, levado por todos a um cruel martírio.

17

Com os livros de Saramago aprendi também que a literatura não tem geografia.

18

Que país habitam os cegos de *Ensaio sobre a Cegueira*? Que cidade é aquela em que o Sr. José se perde nas cavernas labirínticas da Conservatória em *Todos os Nomes*? Que lugar percorre Tertuliano em busca do seu idêntico em *O Homem Duplicado*? Saramago criou um país chamado literatura e, pela primeira vez, mostrou-nos que não temos de estar em parte alguma para podermos dizer todas as coisas.

19

A sua voz, muito brevemente anunciada em *Manual de Pintura e Caligrafia*, surge, como num passe de mágica, em *Memorial do Convento* e jamais o (nos) abandona. É essa a sua maior virtude, é por causa dessa voz – uma das mais fortes de toda a literatura desde que há memória – que, seja em que língua for ou onde nos encontremos, um livro de Saramago é imediatamente discernível do de qualquer outro autor.

20

Eu concordo.

A// Se é verdade que tem língua (porque o autor escreveu em português) e que essa língua, transformada em linguagem, mudou a nossa perceção do romance no que respeita à forma, abrindo-o a um leque de novíssimas possibilidades formais, é também verdade que, na progressão da sua obra, as personagens começaram a habitar um mundo que não se constitui em lado nenhum e que, contudo, se constitui em toda a parte.

B// Mas na verdade, aprendi também com José Saramago a apresentar uma visão crítica da História, tal como a que é observada neste romance, em que a voz do narrador reprova a opulência dos poderosos e dá destaque ao povo anónimo, aquele que edificou o convento e que é homenageado no *Memorial*.

C// Por último, com Saramago aprendi a dizer «não»: aprendi o valor da oposição que tanto tardou a chegar e a fazer tremer o cânone do romance português. «Não», dizia o Nobel, era a palavra mais importante que se podia dizer.

D// A primeira coisa que o escritor me ensinou foi que a solidão é a mais bela matéria narrativa que existe. O diretor da revista *Ler* escrevia, no seu blogue, que as personagens de Saramago são humildes, anónimas e colhidas da multidão.

E// Aprendi, ainda, que a voz é o bem mais precioso do escritor. Saramago não apenas criou um mapa ficcional único como o narrou de uma maneira absolutamente inovadora e inimitável.

F// Com a solidão das personagens de Saramago aprendi a aceitar a solidão universal do Homem, afinal a razão pela qual escrevemos (para a combatermos) e pela qual lemos (entre outras coisas, para não a sentirmos tão presente).

João Tordo, in *Ler*, julho/agosto de 2010 (adaptado)

PARTE 3 // Questões 21-35

Complete o texto com as palavras em falta nos espaços 21-35. Marque a letra correspondente à palavra escolhida (A, B, C ou D) para cada espaço na folha de respostas.

O bacalhau, que é o peixe predileto dos portugueses, ___21___ as águas do Atlântico, perto do círculo polar ártico, circulando em ___22___ que se deslocam entre a região da Terra Nova, no Canadá, e a costa da Noruega.

A ___23___ de Portugal com o consumo de bacalhau é um fenómeno secular que ___24___ à chegada dos portugueses à Terra Nova, no século XVI. Desde essa altura, o *Gadus Morhua*, ___25___ científica para o bacalhau do Atlântico, foi-se introduzindo nos hábitos alimentares dos portugueses, sendo hoje uma marca ___26___ da cultura e identidade nacionais.

A posição geográfica de Portugal, com uma ___27___ marítima de 1853 km, desde cedo se mostrou um fator vantajoso para a atividade ___28___. A popularidade deste alimento entre os portugueses levou à criação, em 2007, da marca conhecida como "Bacalhau Português de ___29___ Tradicional". A comercialização dessa marca ___30___ a critérios rigorosos de qualidade, impostos pela indústria de bacalhau. Trata-se de bacalhau bem salgado e seco que foi previamente submetido a um processo de salga livre, seguido de um processo de ___31___ próprio e específico. Sendo um peixe com baixo ___32___ de gordura, pode ser conservado com sal e seco ao sol.

Com ___33___ nos processos tradicionais, o peixe fica com a textura característica do bacalhau salgado seco, com sabor intenso que ___34___ na boca e com um aroma pronunciado. As bandas musculares, vulgarmente denominadas ___35___, separam-se com relativa facilidade, mantendo-se íntegras e firmes.

- | | | | |
|-------------------|--------------|---------------|--------------------|
| 21. A. vive | B. reside | C. habita | D. ocupa |
| 22. A. manadas | B. matilhas | C. cardumes | D. bandos |
| 23. A. afinidade | B. atitude | C. relação | D. correspondência |
| 24. A. prossegue | B. remonta | C. alarga | D. aumenta |
| 25. A. distinção | B. nomeação | C. designação | D. denominação |
| 26. A. indelével | B. durativa | C. firme | D. assente |
| 27. A. margem | B. fachada | C. frente | D. face |
| 28. A. bacalhoada | B. bacalhau | C. bacalhoa | D. bacalhoeira |
| 29. A. Cobro | B. Trato | C. Cura | D. Tratamento |
| 30. A. obedece | B. cumpre | C. observa | D. executa |
| 31. A. maturidade | B. sazonação | C. maturação | D. sazonalimento |
| 32. A. conteúdo | B. teor | C. quantia | D. quantidade |
| 33. A. apoio | B. alicerce | C. base | D. suporte |
| 34. A. assola | B. perdura | C. invade | D. infesta |
| 35. A. lascas | B. chapas | C. tiras | D. rachas |

PARTE 4 // Questões 36-55

Algumas linhas deste texto podem conter uma palavra a mais. Identifique essas palavras e escreva-as na folha de respostas. Se a linha estiver correta, escreva a palavra *correta* na folha de respostas.

| | |
|---|----|
| Os excessos e a megalomania dos edifícios do Dubai marcaram a nossa percepção da | 36 |
| arquitetura do Médio Oriente de tal forma que é difícil acreditar que, quanto antes | 37 |
| desse imenso parque temático, que é o Dubai, tenha sido havido nesta região do | 38 |
| mundo uma produção arquitetónica criticamente empenhada e consistente. | 39 |
| Recentemente, fui passeando nas ruas de Riad, deparei-me com um notável quarteirão | 40 |
| urbano da autoria de Kenzo Tange. É sobre um conjunto de edifícios do final dos anos | 41 |
| 60, foram ligados por pontes e terraços em betão e fiéis ao espírito do tempo. Aqui, | 42 |
| Tange, a trabalhar sem os constrangimentos sísmicos do seu Japão nativo, pode se | 43 |
| libertar plenamente todo o ímpeto estrutural que lhe é tão característico. | 44 |
| Um desses dois edifícios desenvolve-se a partir de um longo átrio. Impressionou-me | 45 |
| pouco o investimento no desenho, o cuidado e sensibilidade que o mestre japonês | 46 |
| dedicou a este projeto. Imagino de que Riad, nessa altura, fosse pouco mais do que | 47 |
| uma planície desértica e escaldante. Imagino o fosso cultural entre um arquiteto vindo | 48 |
| de uma das sociedades mais sofisticadas do mundo e a um cliente representante de | 49 |
| uma era pré-industrial. E, no entanto, por mais o contraditório que este contexto possa | 50 |
| parecer, o facto é que não permitiu uma obra de excecional qualidade. | 51 |
| O mesmo já não será válido para a torre de Norman Foster, localizada na mesma zona. | 52 |
| Trata-se de uma pirâmide sublime de mau gosto, revestida a painéis de alumínio e | 53 |
| coroadada por uma esfera. Esta última, ao que consta, era resultante de um assertivo | 54 |
| pedido do cliente, contém o inevitável restaurante panorâmico. | 55 |

PARTE 5 // Questões 56-70

Complete o texto com as palavras que faltam nos espaços 56-70. A cada espaço corresponde apenas uma palavra.

Escreva as palavras em falta na folha de respostas.

Ex.ma Senhora Presidente da Câmara Municipal

A Assembleia pelo Direito à Habitação, constituída por várias organizações e pessoas ___56___ em defender este direito na nossa sociedade, ___57___, por este meio, solicitar à Presidente da Câmara Municipal uma reunião com a máxima urgência, com ___58___ a debater os problemas existentes na nossa autarquia, em ___59___, as questões da habitação, sobretudo as iminentes demolições em vários bairros, entre os ___60___ o de Santa Clara.

A Assembleia da Habitação está a ___61___ do que está a acontecer no nosso município e sabe que a política de erradicação de casas autoconstruídas, promovida pela autarquia, viola os direitos fundamentais do ___62___ humano. A salvaguarda desses direitos deve ser a ___63___ de qualquer político e de qualquer governante.

Não há legitimidade para avançar com as demolições, se não ___64___ programas de desenvolvimento de políticas de habitação. Sabemos que não poderá ser a autarquia a ___65___ todos os problemas de habitação do município, mas isso não legitima a destruição do ___66___ teto que os habitantes das casas autoconstruídas têm. O que defendemos, e ___67___ dispostos a apoiar a autarquia nisso, é ___68___ haja uma associação entre a autarquia e os movimentos sociais que ajude a criar um programa de desenvolvimento de uma política social de habitação.

Certos de que prevalecerá o bom senso e o cumprimento das leis superiores da República, ___69___ pelo agendamento da reunião de modo a que, juntos, possamos encontrar soluções. Caso ___70___, seremos obrigados a denunciar este novo atropelo da autarquia.

Com os melhores cumprimentos,

A Assembleia pelo Direito à Habitação

FIM